

# Estórias de Jornal

por

Lucas Zanella

2015

---

A cidade, como sempre, chamava seu nome; e ao mesmo tempo gritava para que fosse embora. Peppe podia não ser o mais rico da multidão da rua, mas certamente tinha os mesmos direitos que os outros.

Estava sozinho e iria encontrar um amigo antigo. Um dos que continuaram a manter contato. Lino marcara o encontro numa cafeteria local, que ficava bem na esquina de uma das ruas mais movimentadas de São Lorenzo. Apenas aceitou porque ouviu as palavras mágicas, *eu pago*.

*Eu pago e não, pode pegar* eram as palavras que realmente tinham mágica. De nada serviam mil *por favores* e centenas de *obrigados*. Naquela manhã, a cafeteria estava quase vazia, como pôde ver pelo vidro quadriculado da grande janela, e a rua em frente a ela também era pouco movimentada. Mas os preços certamente não haviam mudado, o café com leite ainda custaria cinco reais a xícara pequena.

Um sininho suave bateu quando passou pela porta. Com sorte, ele não se destacaria dos demais clientes.

– Giuseppe Artino – ouviu uma voz amigável e alta. – Prestem muita atenção neste nome, senhoras e senhores – Lino se aproximou com um sorriso grande no rosto e abraçou Peppe.

Havia três meses que não vira Lino por conta de uma viagem pela Europa que realizara com o dinheiro ganho num

estágio generoso que pegara quando na faculdade. Deve ter comido muitos croissants e pizzas, pois dispunha de uma almofada debaixo da clara camisa listrada de homem de negócios. Também vestia uma calça social preta.

– Lino Jovisko – disse o nome numa voz que tentava imitar o mesmo entusiasmo. – Como está?

– Bem, bem – apontou para a cadeira em frente à sua, estavam numa mesinha redonda e pequena. – A viagem foi muito boa, embora exaustiva. Como está você, Peppe?

– Bastante bem – não tinha certeza de que isso era verdade. – Camila?

– Não desgrudou em nenhum momento da viagem. Pelo menos não criou desgosto por mim! Ela está em casa, visitá-la-ei mais tarde.

– É bom saber que está tudo bem entre vocês.

Sentia-se feliz por ao menos um dos amigos manter contato e também estar num bom relacionamento alegre. A barista foi até a mesa e perguntou o que os dois queriam beber e comer. Peppe pediu o mesmo que Lino, afinal, era o homem quem pagaria.

– E nos traga dois pedaços daquele bolo, amor – Lino pediu para a moça e ela sorriu como assentimento. Ela voltou com as duas xícaras de café, sachês de açúcar e colheres.

Depois trouxe dois pedaços grandes do bolo sobre o balcão em pires grandes, acompanhados de garfos estilosos. – O que você têm feito nesses meses desde que acabamos a faculdade?

– Tenho procurado emprego, mas ninguém quer me contratar. Claro, sem experiência, nem mesmo há razão para o fazerem.

– Não fale assim, tenho certeza de que achará algo muito em breve. Talvez alguma editora, ou...

– Eu tentei na Aldágara, não só mandei meu currículo como também compareci para uma entrevista, mas resolveram contratar uma mulher, pois fazia mestrado. Ainda deve fazer, na verdade.

Lino abriu o sachê e despejou todo o açúcar no café, Peppe apenas metade. O leite quente já estava um tanto quanto adoçado. Mexeu no delicioso líquido da xícara com a colher também estilosa que viera com ela.

Tomou um gole e soltou um bufo por conta da quentura.

– E anda escrevendo?

– Tanto quanto um maneta – respondeu Peppe.

– Sabe, há uma coisa que as editoras de certeza exigem para publicar histórias: histórias. De nada adianta ter feito Letras se não usará as que aprendeu.

– Eu as uso, mas nunca na ordem correta. Minha lata de

lixo está cheia de papel e já gastei dinheiro o suficiente com canetas cujas tintas logo acabam. Não estou bem o suficiente para gastar dinheiro nessas coisas; preciso comer, oras.

– Ainda assim, é bom escrever. Mesmo que acabe por criar uma merda, será a *sua* titica. E o excremento nosso é sempre melhor que o alheio.

Novamente tomou um gole do café, e não praguejou a ardência. Com o garfo, pegou parte do bolo e o levou à boca.

– Sabia que diria isso – continuou Lino. – Espero que não se importe, mas encontrei algo enquanto estive na Itália e pensei que pudesse apreciar. Foi no dia do seu aniversário, na verdade, então considere isso um presente muito atrasado.

Lino pegou uma sacola de papel pardo e passou para Peppe. Este vasculhou seu interior e puxou um maço de folhas estilo papiro e uma caneta-tinteiro extrafina muito elegante. Era preta com a ponta dourada. Havia ainda um vidro de tinta.

– Não é exatamente a mais cara de todas, mas a achei a mais bonita. E a maldita tem um conversor, então comprei um vidro de tinta, assim economizará muito. Quando acabar esse, deve haver para vender na papelaria Mackenzie, bem barato.

– Eu nem sei o que dizer...

– Um obrigado está de bom tamanho. E vê se escreva, mesmo que não julgue bom, escreva.

Peppe agradeceu e pôs tudo com cuidado na sacola de papel. Enrolou-a e precisou levá-la de baixo do braço, para que não desse a oportunidade aos ladrões. Lino fora para a casa de Camila depois de terminarem o café e o bolo, e Peppe se demorou mais alguns minutos apenas porque o ambiente da cafeteria era bom.

Quando um dos baristas olhou-o torto por ainda permanecer ali, ele saiu sem pensar duas vezes. Mas calmo e tranquilo. A vida podia ser rápida como um trem, mas às vezes era bom apenas deitar a cabeça no banco e descansar.

O bairro em que morava não era um dos mais amigáveis de São Lorenzo, mas ficava perto da Praça Constantino Armando. Mesmo assim, era pobre. Havia uma outra praça para lá onde ficava a rua movimentada, e aquela era muito mais bonita. Ali a estrada era de pedra e havia apenas subidas; quando saía de casa havia apenas descidas. Não havia um santo piso plano por toda a Vila Romanoff, mas era isso o que a dava seu charme.

Os maloqueiros tiravam esse charme, mas não eram muitos. Para falar a verdade, aqueles que eram também eram conhecidos e amigos. Nataniel, por exemplo, um grande homem que ajudou Dona Jazira com o câncer até a sua morte, fora preso duas semanas atrás por roubar uma joalheria.

E, dois dias depois, foi realizado o enterro da Dona Jazira, pago por um desconhecido. Peppe comparecera, pois conhecia a mulher bondosa que sempre o dava um pedaço do bolo que preparava religiosamente toda semana. Distribuía tanta comida que certo dia não houve para ela; a vila toda ofereceu um pouco do que tinha, até mesmo Peppe, que já tinha quase nada.

Peppe não era o único branco na vila, mas apenas conhecia um outro, o senhor Moacir, um homem em seus setenta anos que morava sozinho numa casinha simples.

Tirou a chave do bolso e abriu a porta da casa. Era aconchegante o suficiente, mas tão pequena e simples quanto o quarto de Van Gogh; com a exceção de que não era bonito ou merecia ser aquarelado. Peppe pôs a sacola sobre uma escrivaninha e foi lavar o rosto. Após, arrumou os papéis e a caneta sobre a mesa velha, num dos cantos. Não escreveria nada hoje, mas era bom deixá-los lá.

A cama era de solteiro e fina, rangeu quando ele se deitou. Ainda havia uma luminária simples sobre um bidê ao lado dela, ela ficou ligada por duas horas, enquanto ele lia seu último livro. Quando eram duas da manhã, ele se levantou e pôs o marca-página junto de um punhado de outros que colecionava sem realmente colecionar. A estante dos livros era

de uma madeira tão velha que poderia ter sido montada pelo próprio pai de Jesus, mas tinha lá seu charme e resistência. Aguentava muito bem os mais de cinquenta livros, e havia espaço para mais cinquenta... Se Peppe espremesse alguns no meio. Aquele livro que devolveu ao vão de onde viera era O Mágico de Oz, e acabou. Lera todos os outros, precisaria de novos.

Desligou a luminária e dormiu, após outro ranger da cama. Não acordou quando, inconscientemente, moveu-se de cá para lá no colchão duro.

Estava de volta na Rua Duran, e ela não estava menos agitada. A variedade de pessoas ainda não era tão grande, todos pareciam ricos e com cargos em empresas de alto nível. Mas agora não importava muita coisa do tipo, pois estava à procura de livros.

Havia livrarias na Duran, sim, mas apenas aquelas onde os livros mais finos custavam trinta reais e os mais grossos ele nem queria ver os preços. Só havia um lugar onde poderia encontrar livros para ele, e duvidava que fosse encontrar algum lugar desses naquela rua onde todos usavam ternos.

Mas encontrou, para contrariar as suas crenças. Era um sebo onde os livros estavam dispostos na frente da loja, sobre



caixas, alguns bem arrumados como em uma vitrine, outros apenas empilhados. Dentro da loja devia haver ainda mais. E o lugar era movimentado, Deus. Havia gente à procura de romances e de novelas, embora poucos realmente pegassem algo, e muito menos compravam.

Peppe rodeou a frente da loja num movimento serpentino. Alguns escritores nunca ouviu falar, mas pegou alguns livros de títulos interessantes para ao menos ler a sinopse quando ela estava na contracapa. Dentro da livraria, um homem de meia idade estava atrás do balcão, cuidando do caixa; quem chegou para atender Peppe foi uma mulher tão velha quanto, e de cabelo curto e loiro escuro.

– Tens Machado? De Assis, no caso!

– Temos todos os que você imaginar – ela disse com bom humor e levou-o até uma parte dedicada ao autor. – Escolha o que quiser.

Eram muitos livros, tantos que uma livraria grande e rica desejaria algum dia ter. E podiam ser muitos, mas eram velhos. As páginas de alguns estavam caídas, e outros metade da capa fora rasgada. Ele pegou o mais bonito que encontrou da história de Brás Cubas e passou a vasculhá-lo. Como sempre começou lendo a sinopse, para ter certeza de que era algo que queria. As páginas estavam bastante arrumadas e,

embora antigo, bem conservado. Era *bem* antigo, estava autografado. Comprou-o por três reais.

Junto àquele foram mais sete livros advindos de mentes diferentes. Gastou no total R\$10,35, pagou com uma nota de dez e uma moeda de cinquenta; disse ao homem para ficar com o troco.

Começou a ler o livro autografado. Na folha de rosto estava escrito *Juscelino da Rosa, 1888*. Peppe acrescentou, logo abaixo da linha, *Giuseppe Artino, 1947*.

A noite se aproximava com velocidade assustadora. Naquele dia, Peppe apenas leu; teria de descansar antes de passar o resto do tempo procurando por emprego, ou por uma chance. Quando o sol já estava longe, ele ouviu batidas na porta, eram rápidas e assustadas, deixaram-no avulso por um segundo e ele a abriu com certo medo.

Um vulto energético entrou e fechou a porta. Quando Peppe percebeu quem era, relaxou, embora, pela expressão de Tomás, não deveria fazer isso.

– O que diabos aconteceu? – perguntou e trancou a porta.

– A polícia está atrás de mim, Peppe – choramingou.

– E você vem pra minha casa? Quer que eu seja preso também? Tomás, eu não tenho nada a ver com o que você faz e

tampouco quero *saber* o que você faz, mas não quero ser preso por causa do seu trabalho!

Peppe foi até a janela e puxou a cortina, observou a rua através de uma fresta. Tossiu por conta da poeira no tecido.

– E eu lá tinha outro lugar para ir? – sussurrou. – Você é a única pessoa que conheço bem, Peppe, e a única que me aceitaria.

– Afinal de contas, o que diabos você fez? – desligou a luminária para parecer que já estava dormindo.

– Eu já fiz tanta coisa que nem sei pelo que eles estão atrás de mim – disse e sentou ao lado de Peppe, na cama. – Mas deve ser porque me viram tentar roubar a bolsa de uma mulher. Não me olhe com essa cara, ela não iria dar por falta daquela bolsa, era uma dessas ricas... Só que a maldita era gorda e forte, pensei que não fosse conseguir segurar aquele pedaço de pano importante, mas consegui. E gritou. Meu Deus, Peppe, como ela gritou. Senti meus ouvidos explodirem, ainda estou ouvindo a merda de um zumbido.

– E isso aconteceu agora? – perguntou.

– Agorinha mesmo, Peppe. Apareceram dois policiais, e eles ainda estavam me apontando as armas... Eu não tenho armas, você sabe disso, mas eles estavam-nas apontando para mim mesmo assim! Malditos policiais, é por isso que os odeio.

– Tudo bem, se acalme, Tomás. Pegue um copo de água – apontou para a parte do quarto que seria uma cozinha precária, Tomás foi e bebeu água. – Você está bem, pelo menos?

– Não graças a eles – falou emburrado. – Eles *atiraram* em mim.

– Eles não fizeram isso! – Peppe disse com tom severo.

– Uhum. Não só fizeram como repetiram. Dispararam dois tiros, mas eu já estava subindo a Romanoff e eles não acertaram. Nunca antes adorei tanto essa subida demoníaca. Algumas pedras devem ter morrido – conseguiu rir. – Só espero que ninguém mais tenha se machucado, não vi para onde os tiros foram, só sei que bateram em alguma pedra, ou então parede...

– Calma, Tomás, tenho certeza de que está tudo bem. Ninguém morreu, sente aí e te acalme. Não se mexa, e também não fale nada.

Peppe abriu a porta e se esgueirou para fora. As pedras fincadas na rua eram pontudas, e ele estava descalço; andou com dor nos pés, mas não parou. Foi até o meio da rua e olhou de cima para baixo, não viu nada além de sua sombra, invocada pela lua cheia. Mas ouviu algo. Foram vozes que não pôde distinguir o que diziam, mas ouviu-as mesmo assim. E não

eram pessoas conversando através dos muros de suas casas.

– Acho que ouvi eles. Devem estar ainda lá embaixo, então você pode voltar para a sua casa.

– Você tem certeza, Peppe? Eles me viram, eles me conhecem...

E também atiraram nele. Não eram bons policiais, aqueles lá eram *bons* policiais, que faziam o seu trabalho independente de obstáculos. E se Tomás resistisse a prisão, como Peppe sabia que ele faria... Era bem provável que não chegasse a ir a ela.

– É melhor você ficar aqui, tem razão – disse. – Pelo menos até que tudo isso tenha passado, talvez amanhã eles já terão desistido. É incrível como você sempre consegue arranjar confusão.

– E você acha que eu quero isso? É a confusão que sempre está a me procurar. Eu tento evitar, mas ela sempre me acha.

– Pois eu tenho uma fórmula perfeita para isso: parar de fazer merda.

– Não é assim tão simples, a vida não me dá outras oportunidades.

– E quantas oportunidades você acha que eu recebi até agora? Mas você vê a polícia atrás de mim? Não! – ralhou.

Tomás desviou o olhar e encarou o chão, como sempre fazia quando estava envergonhado, ou então ressentido porque sabia que Peppe estava certo. Ele não pediu desculpas, nunca pedia. Mas Peppe já era amigo dele há tempo suficiente para ouvi-las nas suas expressões, até mesmo a batida de seu coração revelaria seu arrependimento.

– Deite e durma – Peppe disse.

– Como?

– Se vai ficar aqui, precisará dormir – falou com uma voz autoritária.

– E onde você vai dormir? – ele perguntou, a essa altura Peppe já havia enfiado a mão debaixo da cama pequena e puxado um colchão que estava lá como um estepe.

– Aqui – respondeu e levou a mesa com a luminária mais para longe, ajustou o colchão no piso frio.

Tomás assentiu, seu rosto mostrava o quão cansado estava, e Peppe ficou feliz por ele não ter resolvido discutir. Apenas pousou a cabeça magrela no travesseiro e dormiu, ainda nas roupas comuns: um jeans escuro e uma camiseta branca. Depois de alguns poucos minutos, pôde ouvir a respiração pesada dele. E então deitou também, após cuidadosamente puxar uma coberta de cima de Tomás. Não eram cobertas que manteriam o amigo ou ele aquecidos, mas

eram cobertas mesmo assim. E, em todos os casos, não estava frio.

Na manhã seguinte, copiou seu currículo para três folhas comuns, não daquelas que Lino lhe dera. Ainda não se sentia bem o suficiente para deixar a casa, achava que algo poderia acontecer com Tomás enquanto não estava ali. Assim, arranhou outra desculpa para não procurar por trabalho, e também desse modo conseguiu não se deprimir naquele dia.

Estava sentado em sua escrivaninha, com a caneta descansando ao lado de uma folha cuidadosamente posta lá. Tomás estava sentado na cama, comendo uma marmita que Peppe comprara, a dele estava também ao lado da folha, quase não comera. E Tomás, tendo tomado um banho rápido e trocado suas roupas pelas que Peppe emprestara, estava muito mais apresentável.

Pareciam até irmãos, ambos de cabelos escuros e curtos, embora o de Tomás fossem muito mais curto; e ele tinha uma pele clara o suficiente para que realmente se parecesse com um irmão, de modo que poderia muito bem ter ficado tempo demais no sol enquanto criança.

– O que você está escrevendo? – perguntou.

– Nada – respondeu. Até agora a folha estava em branco.

– O que você *quer* escrever?

– Alguma história, mas não consigo, não tenho ideias boas... Ou mesmo ideias ruins.

– E o que você *sabe* escrever? – ele perguntou após uma garfada.

– É uma boa pergunta. Se quiser ler algo, tenho livros na prateleira!

Ele riu com vontade.

– É, eu posso vê-los daqui. Você tem algo que seja fantasia? Ou ficção científica?

– Você prefere essas coisas? – perguntou surpreso.

Ele deu de ombros e caminhou até a prateleira. Passava os dedos pelas lombadas enquanto procurava pelo livro perfeito.

– É bom, alivia a mente. Sabe, às vezes é saudável sair da realidade. Fico feliz por ter ficado na escola tempo o suficiente para aprender a ler, pois creio que minha vida poderia estar muito diferente se eu tivesse ainda mais tempo livre. *1984* deve servir.

Pegou o livro e sentou na cama, começou a folheá-lo até chegar ao primeiro capítulo, e então ficou em silêncio.

Peppe certificou-se de que a caneta estava carregada e começou a escrever na folha de papel. Escreveu um parágrafo



de dez linhas de um drama e então o riscou, e junto do risco morreram várias pessoas. A mente voou à sua volta, e pegou-se pensando nos gêneros preferidos de Tomás.

Devia ele ser o único delinquente que gostava daquilo. E também uma das poucas pessoas do Brasil que gostavam também. Peppe não se importava com o gênero, mas nunca o viu como o seu preferido. Era... nível... tolerável... bom o suficiente. Mas aquilo não saía da sua cabeça, então começou a escrever uma fantasia.

A caneta-tinteiro era fina, e parecia nem mesmo tocar o papiro, mas nele era impresso para sempre as palavras que brotavam em sua mente. Riscara mais de um parágrafo mais de uma vez, afinal, escrevia “do coração”, podemos dizer; não havia planejado nada, e falhar não era apenas possível, era mais do que certo.

No fim, acabou com uma história de quatro páginas, usou apenas duas folhas. A mão não doía, ele escrevera leve e com cuidado o suficiente para que não ganhasse calos; pegou uma nova folha e começou outra história. Sempre deixava um bom espaço acima da primeira linha, pois sabia que os títulos seriam difíceis.

Após terminar aquela história, veio-lhe um à cabeça. Isto é, um título. E baseou-se nele para começar a próxima

aventura. Aquele gênero era mais fácil de se escrever do que julgara. Apenas emperrava por um ou dois minutos quanto precisava escolher um nome para um personagem ou um nome para uma cidade. E quanto mais escrevia, mais os nomes de cidades e criaturas ficavam mais esquisitos, mas ainda tinham seu charme.

Escreveu numa folha comum uma lista com dez nomes, dos quais precisou acrescentar mais dez para poder colocar todos numa das últimas histórias que escreveu. Esta custou-lhe dez folhas, mas a história foi boa o suficiente para que justificasse o uso exasperado dos papiros.

A última tinha um título esquisito, mas fascinante diante seus olhos. As criaturas e personagens tinham nomes ainda mais exóticos, mas a trama compensava a excentricidade do escritor. Usou trinta folhas.

Quando desceu a caneta tinteiro, caiu da cadeira e agarrou-se à mão. Ela não apenas doía, mas estava imóvel. Precisou parar de escrever no início de uma nova história, pois não aguentava mais.

SUNTUOSO E DE ESPÍRITO VINGADOR, CHKEETE  
ASCENDEU DE PROCELOSAS MARÉS PARA EM RIJA  
AREIA CAMINHAR, PRAZEROSA ERA A VONTADE DE  
TUDO EXPUGNAR.

– Você tá bem? – perguntou Tomás enquanto Peppe se debatia no chão.

– O suficiente – respondeu já a se levantar. Tomás estava a cinquenta páginas do fim de *1984*. Peppe decidiu que amanhã lidaria com aquelas histórias que escrevera.

Dormiu com muito mais facilidade naquela noite. Podia estar absorto em pensamentos, mas seu cérebro queria descansar. Começara pela manhã e, quando havia percebido, já era meia-noite. Tomás guardara o livro na estante, já o terminara; era um leitor muito rápido.

Seu despertador natural não funcionou no dia seguinte. Acordou e viu que Tomás já estava em pé. Sentado, na verdade. Em frente à escrivaninha, lia os papiros de Peppe.

– Não faça isso – disse com voz preguiçosa.

– Não pude evitar – confessou. – São boas, mas não essa – mostrou a primeira que escrevera. – Essa é a melhor – mostrou a última, nomeada *Vindoura Tormenta*.

– Vou levá-las mais tarde para alguma editora.

– O jornal talvez publicaria, alguma das menores. Talvez essa... *Sal Grosso em Céu Vermelho*.

– Então eu a levarei comigo mais tarde.

Dito isso, descansou a cabeça no travesseiro e, consumido pela fraqueza, novamente dormiu.

A sede do jornal era comum e sem muitos acontecimentos. Volta e meia entrava alguém que entregava encomendas, como se possuíssem um carteiro próprio. Puseram Peppe sentado num dos bancos, era o único ali, e os bancos eram duros.

Levantou-se com dificuldade quando lhe chamaram, a bunda doendo e as pernas vacilantes. Prontificou-se em frente ao balcão da recepcionista e ela não lhe dirigiu a palavra de imediato, primeiro olhou para alguns papéis. Certo era que deixou-lhe esperando por querer.

– Giuseppe – disse num suspiro pesado. – Você aqui de novo.

– Apenas quero entregar isto ao editor – levantou as de folhas. – É uma história que talvez irá lhe interessar.

– E o que o faz crer nisso? – ela perguntou, encarando-o no olho com certa petulância.

– Disseram-me que era boa.

– Quem disse isso era algum amigo seu? Algum amigo que só você vê? – debochou.

– Ele está ou não ocupado? – perguntou rígido.

Ela suspirou novamente e olhou para algum papel que estava no balcão.

– Não, ele não está. Espere aqui! – ordenou e saiu de

trás de seu forte de madeira. Andou rebolando até a porta do editor e bateu três vezes, então entrou sem aguardar resposta, ou então recebera uma que Peppe não ouvira.

Ela não se demorou a voltar, mas foi o suficiente para deixar o homem nervoso e ansioso. Não queria ficar naquele lugar tão inóspito e sem vida, não lhe dava a verdadeira imagem do que um jornal deveria ser, em sua mente, pelo menos.

– *Sal Grosso em Céu Vermelho* – o editor falou em voz alta, as folhas estavam em suas mãos. Peppe conhecia ele, e sabia o quão esquentado era, por isso fizera uma cópia antes de sair de casa, pois acreditava não ser de todas impossível que o homem rasgasse a história sem o menor escrúpulo.

– Sim – concordou Peppe. – Eu gostei do título, foi por ele que comecei.

O editor Ramirez soltou um suspiro e largou as folhas sobre uma pilha de documentos em sua mesa, então olhou Peppe nos olhos. Aquele homem tinha muito bem a aparência de um editor de jornal, usando uma camisa social arremangada e um bigode grosso, mas o rosto era fino e não havia um charuto em parte alguma.

Isso deu a Peppe a ideia para uma nova história, talvez escrevesse quando chegasse em casa ou mais tarde.

– Eu lerei, Giuseppe, mas não prometo nada – havia um pesar falso naquele tom de voz.

– Não precisa prometer, apenas leia. Creio que vá gostar, é muito diferente daquela outra que lhe mostrei, mais... viva. E tenho um amigo que gostou.

Falar que o amigo era um marginal que saíra cedo da escola não era necessário.

– Amigos gostam de tudo. Se escrevesse usando o dedo como caneta e a própria merda como tinta, ele diria a mesma coisa.

– O método pelo qual se escreve a história de nada interfere com a trama – não conseguiu segurar essa, esboçou um sorriso singelo de canto de boca e baixou a cabeça.

– Hmmmmmmm ahhhh – suspirou com força. – Muito bem, agora vá embora, se for boa nós o avisaremos para entregar os quinze reais dos direitos autorais para a publicação.

Quinze reais poderiam não comprar muita coisa, mas serviriam para adquirir muitos livros num sebo. Em todos os casos, Peppe nem mesmo sabia que receberia algum dinheiro para a publicação. Estava mais do que certo de que eles o *cobrariam* para que publicassem.

Desceu as escadas da sede do jornal e notou a chuva que banhava a cidade pela primeira vez desde que subira a

sede. Muitas pessoas já pegavam seus guarda-chuvas, e Peppe se perdeu no mar de tecido preto, sendo protegido pelo teto negro. Aqueles que não tinham um guarda-chuva e ainda trabalhavam não pareciam se importar com a chuva.

Um homem que empilhava caixotes de frutas o viu quando passou por perto e deu um sacode na cabeça como cumprimento. Peppe fez o mesmo, puxando o casaco fino para mais perto.

O barulho era bom, o som das gotas batendo nas barracas, no asfalto, e nos vidros dos estabelecimentos. Peppe se sentia como se seu rosto fosse salpicado por um gigante dos céus. A estrada que subia na Romanoff não estava deserta, apesar da chuva que aos poucos começava a intensificar; ela era repleta de homens verdes que vasculhavam cada suspeita pedra e meliante arbusto.

Olinda, sempre de cara fechada e brava, ficou feliz de leve por ter alguém com quem discutir as imprudências das leis brasileiras.

– Veja muito bem, Peppe – fazia movimentos exagerados. – É desta forma que eles esperam nos proteger: ignorando os direitos nossos.

– O que está acontecendo? – perguntou ao acalmar dos magros braços femininos.

– E eu lá vou saber... Tiraram-me de minha casa e puseram-me para fora sem nenhuma explicação. Ora essa...

– Não haja como se não tivéssemos dado explicação alguma – falou alto um policial que entreouvia. – Porém não é nossa culpa se trancou os ouvidos às nossas vozes. Estamos, moço, fazendo uma busca por aqui para acharmos o assaltante que atacou a senhora Gutenberg.

Peppe fechou os olhos.

– A mulher do vereador?

– A própria – confirmou. – E madame está muito enfurecida, o marido pediu-nos para acharmos o assaltante.

Novamente os braços de Olinda voaram. As gotículas de água eram bem visíveis sobre a pele negra.

– E a culpa não é minha se linda madame estava no lugar errado e na hora errada. Culpa também não é minha se ela está puta da cara por ter sido roubada.

– Madame não foi roubada – o policial gritou no mesmo tom de voz de Olinda e se acalmou. – A madame Gutenberg não foi assaltada, foi apenas uma tentativa.

Para Olinda, a explicação não acalmara as coisas. Se algo, enfurecera-a ainda mais, coisa que Peppe jamais teria imaginado ser possível fazer.

– E estão me invadindo a privacidade por um roubo



desrroubado? Faça-me o favor!

– Senhor, tudo limpo – disse um policial que se aproximou para o homem à frente dos dois.

– Pois bem, senhora Olinda, poderá retornar à sua casa agora.

– MUITÍSSIMO agradeço – foi tudo o que falou, e bateu a porta com força.

O policial encarregado olhou morro acima sem vontade, ajustou a boina na cabeça.

– Paramos por hoje – declarou.

Em segundos estavam todos prontos para ir embora, mal haviam começado a revista das casas. Tomás, como bom assaltante, podia farejar as pessoas de ternos verdes de longe. Em casa, estava grudado à janela.

– Não podemos continuar com isso – Peppe jogou-lhe uma marmita e ele pegou com habilidade. – Você precisa sair daqui hoje mesmo.

– O que é isso? – ele perguntou e Peppe se calou.

Era na rua onde ocorria o gritaredo de uma voz dentre muitas. Relutante, Peppe foi para fora de casa e ficou na calçada, esperando para ver direito o que se passava. Um homem gritava para o grupo de policiais e outros moradores gritavam para o homem. Os policiais olhavam para eles.

Foi apenas após se aproximar o suficiente que entendeu, o homem, aquele único outro branco conhecido na vila, gritava onde morava Tomás. A casa não era muita coisa, mas podia ser bem vista da rua. Os homens olharam para ela, mas decidiram não prosseguir, chegaram a uma conclusão não ouvida entre si.

– Talvez seja melhor você ficar aqui mesmo – disse Peppe, a cabeça explodia.

A polícia não era a das mais inteligentes, e depois que não acharam Tomás na casa dele, recomeçaram as buscas. O fim de semana passou como se nada fosse, e a segunda-feira chegou rapidamente. A desmotivação da polícia pela procura de Tomás era óbvia.

Eles não apareceram mais na vila, embora ocasionalmente um ou outro policial subisse e descesse o morro. A falta de interesse podia ser porque a esposa do vereador já cessara seus gritos sobre o terrível ladrão que a atacara. Ou então, e essa opção Peppe não gostava, podia ser porque os homens haviam prendido outro no lugar de Tomás. Apenas para dizer à mulher que seu meliante estava atrás das barras.

Tomás fora para a sua casa pela manhã, sem nenhuma confusão. Peppe foi para o centro da cidade munido de currículos, deixou um desses numa nova editora que abrira, a

Escrepto. O prédio deles ainda era novo, sem pintura e com o nome ainda sendo pintado na fachada, mas a grande agitação dentro dele mostrava que algo ali estava para acontecer. De muito bom grado a atendente pegou o currículo de Peppe e disse que agradecia o interesse.

De volta à vila, outra locomoção. Podia ser tarde, mas a Romanoff só desligava as luzes quando todas as outras casas de São Lorenzo já estavam apagadas por definitivo. O chão era iluminado pela luz alaranjada que saía pelas janelas das casinhas simples.

Eram mais policiais, mas não apenas os homens de verde estavam nas ruas, ela era também invadida pelos habitantes locais. Peppe se aproximou da calçada e andou por ela, parou em frente a uma casa de porta aberta e se pôs ao lado da dona dela, que olhava para o grupo dos homens de braços cruzados. Olinda ainda guardava os ressentimentos da sua última experiência.

– O que aconteceu dessa vez, Olinda? – Peppe perguntou, seguindo seu olhar.

– Os malditos policiais voltaram com mais gente e invadiram a casa do Tomás, vi antes aquele encarregado danado falando com o branquelo – baixou os olhos grandes em Peppe. – O *outro* branquelo.

Ele não pôde deixar de sorrir.

– O senhor Moacir.

– Se você diz. Foi aquele que fez o escândalo depois que eles já estavam indo embora. Peço perdão pela ofensa, Peppe, mas esses brancos não sabem calar a boca quando devem. Podre Tomás.

– Não me ofende não, Dona Olinda. Pelo que tudo indica, você tem toda razão. Eles já o levaram?

– Estão pegando ele nesse momento mesmo! – gesticulou para o grupo.

Um grito de refusa saiu da casa de Tomás, e o instinto de Peppe fez com que ele corresse até o amigo. Empurrou boa parte dos policiais para adentrar a casa, mas foi barrado por um homem forte e de cara ainda mais fechada que a de todos os outros juntos.

– Onde você pensa que vai, garoto?

– Eu conheço aquele cara, se eu falar com ele, digo que ele irá com vocês, não é preciso fazer algo que irão se arrepender depois – a voz, não tinha certeza se era calma ou descontrolada, estava surdo aos sons que produzia.

– Não iremos nos arrepender de prender um bandido, não se preocupe. Ei, pega ele aqui! – outro policial agarrou Peppe com força e o manteve parado, lá no grupo.

Mais gritos de negação e o som do que Peppe teve certeza de ser o barulho de borracha batendo em pele. Tomás apareceu minutos depois, sendo carregado por dois policiais, um em cada lado. Peppe tentou de desvencilhar do policial que lhe agarrava para ver o estado do amigo que, de longe, parecia ser horrível. Sangue saía da boca, e o policial do lado direito segurava na mão o seu cassetete.

– Filhos da puta – xingou, baixo demais para que qualquer pessoa o ouvisse.

Ficou impossibilitado de se mover por mais tempo do que deveria ser permitido por lei. O homem só foi lhe soltar quando todos os outros já estavam a caminho, como se estivesse com medo de que Peppe pudesse fazer algo para interferir na prisão de Tomás. Mesmo que fosse a metade do que era aquele que o segurava, eram policiais demais para que pudesse tentar fazer algo.

Embora, é claro, com uma arma na mão todos ficam fortes. E muitos dos policiais que estavam na Romanoff naquela noite se baseavam nisso, pois eram tão magros e fracos quanto Peppe. Em todos os casos, nada faria, não se pode impedir a lei de ser cumprida; podia-se, porém, retardá-la, que foi o que fizera, mas no fim os assaltantes sempre vão à cadeia. Pelo menos algum deles.

Os que merecem? Não. Muitos dos que merecem estar na cadeia estão é colocando outros nela. Aqueles policiais apressados que puseram-se a atirar em Tomás no subir da ladeira eram apenas um exemplo.

Com o espetáculo terminado, todos começaram a entrar em suas casas. Peppe ficou em pé, olhando para o homem do outro lado da rua com olhos semicerrados, e não tinha certeza de quais eram suas emoções.

– Tem sorte por não ter dito que o abrigou na sua casa até hoje mesmo – gritou rouco o branquelo, depois entrou em casa a passos lerdos. O abrir da porta de ferro barata foi ouvido por toda a rua, então todos os sons cessaram e só se ouviu algo quando Peppe bateu com força a porta de sua casa.

Só conseguiu deitar na cama às três da manhã, enquanto o sono não chegara ficara sentado na escrivaninha, olhando para um papiro. E mesmo deitado não dormiu direto, o teto era convidativo demais à sua visão e os pensamentos grandiosos e furiosos demais para se quietarem.

Depois de muito tempo percebeu que aquilo ocorreria de modo ou outro, a prisão. Podia não ter contando com isso, mas tampouco pensara que nunca aconteceria. O sono lhe chegou quando ouviu a primeira porta abrir e o galo ao longe cantar.

A delegacia era um local cinza, sem muitas outras cores, com exceção de ocasional cabelo loiro e bolsa laranja. Tinha um cheiro de pedra e ferrugem, mas isso já era entendível.

Um homem apareceu e pediu para que o seguisse, e Peppe foi com ele, apertou a sacola que trazia com força no peito por conta de alguns olhares que ganhava. Não eram os olhares dos meliantes que o preocupava, tampouco eram esses os que lhe davam medo. Não, eram os olhos frios dos homens verdes, seus rostos sem expressão mas que, no entanto, diziam tanto sobre eles mesmos. Peppe se concentrou em encarar as costas do homem que o conduzia às celas.

Ele abriu uma porta e fez um gesto para que entrasse primeiro, assim o fez, e o homem fechou a porta e aguardou. Peppe o encarou por alguns segundos, o policial não demonstrou perceber, fitava um ponto invisível no fundo do grande cômodo.

O teto era revestido de canos e concreto, mas muito pouco se via do concreto, eram mais rachaduras. Um outro policial levantou a mão e o fez parar, pediu para ver a sacola e o que ela continha. Embora relutante em deixar que aquele homem tocasse nos seus pertences, especialmente sendo um homem verde, ele deixou.

O policial corpulento ficou alguns minutos examinando-os, procurando por qualquer coisa que Peppe desconhecia. Uma arma, talvez. Mas o homem não percebeu que eles, em si só, já eram uma.

Deixou que Peppe passasse com a sacola e suas coisas, então o garoto seguiu olhando para baixo enquanto um ou outro policial o indicava o caminho. Chamavam os grupos de celas de *quadras*, e Tomás estava na quinta quadra.

Havia um banquinho vazio, deixado lá por algum preguiçoso que terminara seu turno. Peppe o puxou até a frente da cela, sentando-se um pouco mais a frente do que o limite desenhado no chão. Nenhum oficial gritou para que se afastasse mais.

– Trouxe? – Tomás perguntou, estava sentado na cama, bem perto de Peppe.

– Claro que trouxe – disse Peppe. – Mas foi difícil, sabe, não encontrei em sebo nenhum.

Peppe tirou da sacola os livros que Tomás pedira na sua última visita e o entregou por entre as grades.

– Você não sabe o quanto eu te amo, Peppinho! – ele gritou excitado e puxou a cabeça de Peppe para a frente, dando um beijo empolgado na testa dele.

Ele colocou os livros no chão (eram quatro),



empilhados logo ao lado da cama.

– Os filhos da mãe não me deixaram ficar com a lanterna – informou Tomás. – E depois o cara da revista tomou uma bronca por ter deixado ela passar. Mas pelo menos eu posso ler de dia, não é como se fosse ter muita coisa para fazer.

– Pense pelo lado positivo, logo mais você sai.

– Não se for pela mulher do vereador.

– Vou te contar um segredo, acho que logo mais o vereador sai e a mulher sai junto. Então, mesmo que ele esteja te prendendo aqui, não vai mais poder em algum tempo.

– Deus te ouça. E então, como foi?

Peppe abriu um sorriso e pegou o embrulho debaixo do braço, passou-o também por entre as grades para Tomás, que o pegou e arrancou o plástico.

– Página trinta – disse Peppe enquanto Tomás folheava o jornal.